



Director literario:

António Lopes Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

SA
PO
SA
PI
NHO



SA
PU
DO
—(PO-
PU-
LAR)—

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

CERTO sapinho-sapudo,
em certo sítio sòzinho
encontrou um ribeirinho,
no caminho!
—que canudo!!

Ai! Ai! Ai!—Quero passar!
Ai! Ai! Ai!—Posso cair!
—Sapinho põe-se a chorar!
—Sapinho põe-se a ganir!

E a ver se o ribeiro seca,
Sapo-Sapinho-Sapudo,
vestido com sobretudo
passeia por Seca e Meca.

Passam os anos ligeiros,
e o ribeirinho a cantar,
entre choupos e sinceiros,
parece não mais secar!

A' beira do ribeirinho,
definha-se e perde a côr
o pobre Sapo-Sapinho
sêco por tal dissabor.

Ai! Ai! Ai!—Quero passar!
Ai! Ai! Ai!—Posso cair!
—Sapinho põe-se a chorar!
—Sapinho põe-se a ganir!

(CONTINUA NA PAG. 7)



A BONECA VIVA

POR JOAO DA SELVA

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

COM tentadoras palavras, a tentadora poisou bruscamente a boneca na soleira de pedra pelo lado de fora do portão e intimou a pobrezinha a entregar-lhe o pequeno.

— Anda, dá-mo cá! disse ela peremptoriamente e estendendo os braços pela grade. Olha que eu não to como!

A pequena pobre, acanhando-se de não obedecer àquela menina tão rica e tão bem vestida, estendeu-lhe a medo a criancinha, na qual Isabel pegou com bastante jeito, para o que era de recear.

Mas, assim que se viu de posse do cobiçado brinquedo vivo, aquela pequena endiabrada lembrou-se de pregar um grande susto à pobrezinha. Enquanto esta levantava do chão, com mãos receosas, a maravilhosa boneca e se extasiava de perto com o seu luxo e beleza, a Isabelinha gritou agarotadamente:

— Agora o menino é meu e fica tu com a boneca e com os vestidos!

Atirou-lhe com a caixa do guarda-roupa pelas grades fora e dirigiu-se rapidamente para casa.

Imagine-se o espanto e a aflição da pobre pequena ao ver arrebatada assim, inesperadamente, o irmão.

Desatou a gritar como doida:

— Ai o meu rico menino que mo roubaram! Ai que a minha mãe vai-me matar! Ai o que vai ser de mim! Ai quem me acode que eu morro!

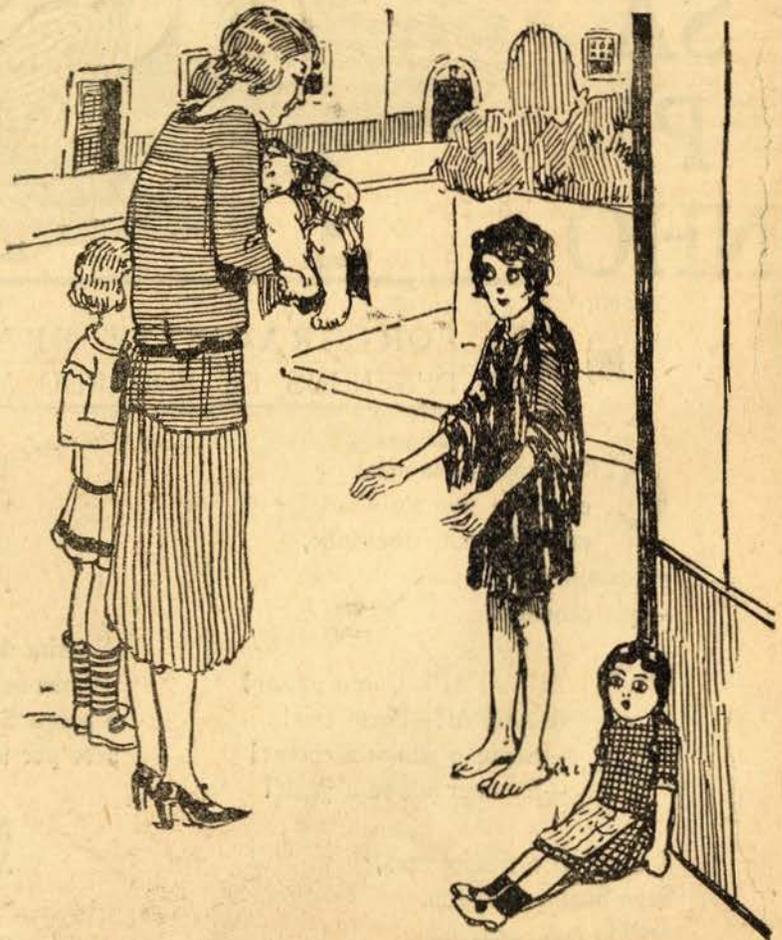
Tanto gritou que uma criada veio correndo ao portão saber o que havia, enquanto a Isabelinha entrava em casa por outro lado, levando, em triunfo, o pequenito que acordava e desatava também aos berros, como que respondendo à irmã.

A mãe da Isabelinha escrevia uma carta sentada à sua secretária, quando a filha rompeu pela porta dentro com a criança a pernear e a gritar.

— Que é isso, filha?! Tu endoideceste?! Que criança é essa que trazes aí? e, antes que a estouvada pequena tivesse tempo de responder ou de deixar cair o petiz, ela mesma lhe pegou com modos de carinhoso jeito, conseguindo abrandar-lhe um pouco o berreiro furioso.

Então a Isabelinha começou de explicar-se atabalhoadamente:

— Mãezinha, é o menino da pequena pobre... Eu queria que ela mo desse em troca da boneca... Ela não quiz... Eu pedi para lhe pegar um bocadinho... Ela não queria...



Tinha medo que eu o deixasse cair... Mas queria pegar na minha boneca... Por fim sempre mo entregou... Eu fingi que lho roubava. Foi assim... Mais nada...

Mais nada?! Ainda te parece pouco?! Tu estás doida Isabelinha?

Quando conseguiu calar o pequeno, a mãe de Isabel perguntou mais calma:

— Mas onde está essa pobre pequena? Eu ouvi gritos para o lado do jardim, era ela?

— Devia ser, mãezinha, mas para que grita ela? Eu não lhe roubo o pequeno. Foi uma brincadeira para a assustar por ela a princípio não querer entregar-mo só um bocadinho. E de repente, voltando-lhe a idéa fixa da troca, exclamou com veemência:

— O' mãezinha, se tu a convencesse a dar-nos o menino em troca da boneca?

Tu estás doida, Isabel! repetiu a mãe, desta vez com mais força. Quem é que troca uma criança por um brinquedo?!

— Mas, mãezinha, insistia a pequena, a mãe dela é tão pobre! Ao menos a boneca não tinham que dar-lhe de comer! E o pequeno é tão pesado e dá tanto trabalho à irmã! E tu e o paizinho sempre dizem, aos senhores que cá veem a casa, que gostavam de ter um rapazinho, para o mimo não ser todo para mim?

— A menina cale a boca, que não sabe o que diz, repli-lhe a mãe.

Emquanto trocavam estas explicações, mãe e filha iam-se dirigindo ao jardim, ao portão do qual, duas ou três criadas já tinham conseguido, à força de explicar o feitio garoto da menina, sossegar a aflicção da pobre pequena.

Quando viu aparecer uma senhora nova e bonita, pegando com muito jeito e cuidado no seu pequeno irmão, a pobre rapariguinha nasceu, como costuma dizer-se, uma alma nova.

— Ai minha rica senhora, muito agradecida! balbuciou ela toda atrapalhada, quando a mãe da Isabelinha lhe entregou pelo portão, agora aberto, a criança que chupava muito satisfeita um palito «de la Reine», presente da sua pequena raptora.

— Toma lá o teu irmãozinho, disse, bondosamente a senhora, e agora vem cá para dentro comer alguma coisinha e descansar do susto que te pregou esta marota, — acrescentou olhando severamente a filha.

— Não posso demorar-me mais, minha senhora, respondeu a pobrezinha. A minha mãe está à minha espera na fábrica e, se me não visse aparecer, ficava aflita, pensando que me tinha acontecido alguma coisa.

— Bem, disse a senhora, nesse caso has-de dar-me a tua morada para eu lá ir com esta menina visitar o teu irmãozinho que é o seu encanto. Uma vez que não quizesse dar-lho em troca da boneca, — e ao dizer estas palavras olhou sorrindo significativamente para a pequena pobre — é preciso que ela vá, de quando em quando, matar saudades, — e

despediu carinhosamente as duas crianças dando-lhes um cartucho de bolos.

A mãe de Isabelinha indagou, pela morada que lhe deixou a pequena, quem ela era e a família. Soube que era uma honesta e desgraçada gente a quem faltara o pai havia meses e que agora se via na maior miséria, tendo, como único amparo, a pobre mãe, operária numa fábrica e quasi impossibilitada, pelo seu trabalho, de criar o filho com os necessários cuidados. A filha, com nove anos apenas, era quem guardava o pequeno na ausência da mãe e, ainda por cima, cosinhava para ambas.

No dia seguinte, que era um domingo, a Isabelinha foi agradavelmente surpreendida por esta pergunta da mãe, logo depois da missa:

— Isabel, queres ir a casa daquele menino que tu roubaste?

— Oh! quero, sim, mãezinha, respondeu Isabel. E hoje estão as fábricas fechadas por ser domingo, não é verdade?

— Estão, sim, porque perguntas isso?

— Porque estando as fábricas fechadas a mãe dos pequenos decerto ficou em casa e nós podemos perguntar-lhe se ela quer dar o menino...

— Lá voltas tu com a mesma mania, Isabel! repreendeu a mãe.

— O' mãezinha, deixe-me falar-lhe nisso! Lá porque a pequena não quiz, não se segue que não queira a mãe. Ela é quem governa, pois não é?

— Decerto, mas tu és uma doidinha se pensas a sério numa coisa dessas! em todo o caso vou fazer, com a mãe da pequena, uma combinação que talvez te agrade. E' mandar a família toda para a nossa quinta. Damos-lhe trabalho, a pequena vai à escola lá da aldeia e o pequeno aprenderá quando tiver idade. Agrada-te esta idéa?

A Isabelinha bateu as palmas de contente. Era quasi a realização do seu plano. Pois não iam sempre passar o verão para o campo? Lá achariam o pequeno, mil vezes mais divertido para brincar, do que as estúpidas bonecas, e a irmã dêle, depois de bem limpinha e bem vestidinha, também servia perfeitamente para as correrias na quinta, onde faltavam as primas e as suas outras amigas de Lisboa.

Quando acabaram de almoçar a Isabelinha foi a correr pôr o chapéu e veio com a grande boneca nos braços.

— O quê, tu vais de boneca?! perguntou a mãe muito admirada, por não serem nada êsses os gostos da filha. Vais ver se ainda tentas a pequena a dar-te em troca o irmão?!

— Não, mãezinha, vou levar-lhe a boneca de presente, se tu dás licença. Coitadita! Eu ontem preguei-lhe um susto tão grande e ela ficou a olhar para a boneca com tanta pena!

— Acho que fazes muito bem, Isabel — aprovou a mãe — não podias compensar melhor a pobre pequena.

E as duas partiram satisfeitas para a sua visita de caridade; a filha, porque a mãe lhe contentava os desejos quando êstes eram razoáveis; e a mãe, por descobrir na filha um bom coração, embora génio garoto e turbulento.



PÁSCOA FLORIDA

POR

MARIA ROSA RÉSEDÁ

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



A pequenina aldeia de B... sempre tão sossegada, vai grande azáfama. As casas foram caídas de novo e a sua alvura faz sobresaír os telhados dum encarnado vivo, sôbre os quais bandos de andorinhas se aquecem ao suave sol da primavera em flor. Ranchos de crianças de faces coradas e cabelos louros, como as espigas maduras, respirando saude, trazem braços de variadíssimas flores, impregnando o caminho de um

perfume delicioso. No interior das casas a limpeza é completa. Os soalhos, esfregados ha pouco, conservam-se tão amarelinhos, que faz gosto vê-los. Na chamada casa de fora — a principal — as paredes estão forradas de lençóis e colchas de chita com grandes ramagens. Hera, buxo e alecrim em profusão acabam de enfeitar o aposento. Ao centro, está uma mesa coberta com uma toalha de linho alvissimo e, sôbre ela, um tableiro contendo dinheiro, ovos, bolos, pão, etc., o que constitue o folar. A' volta da mesa vasos com flores e plantas. No dia seguinte é o domingo de

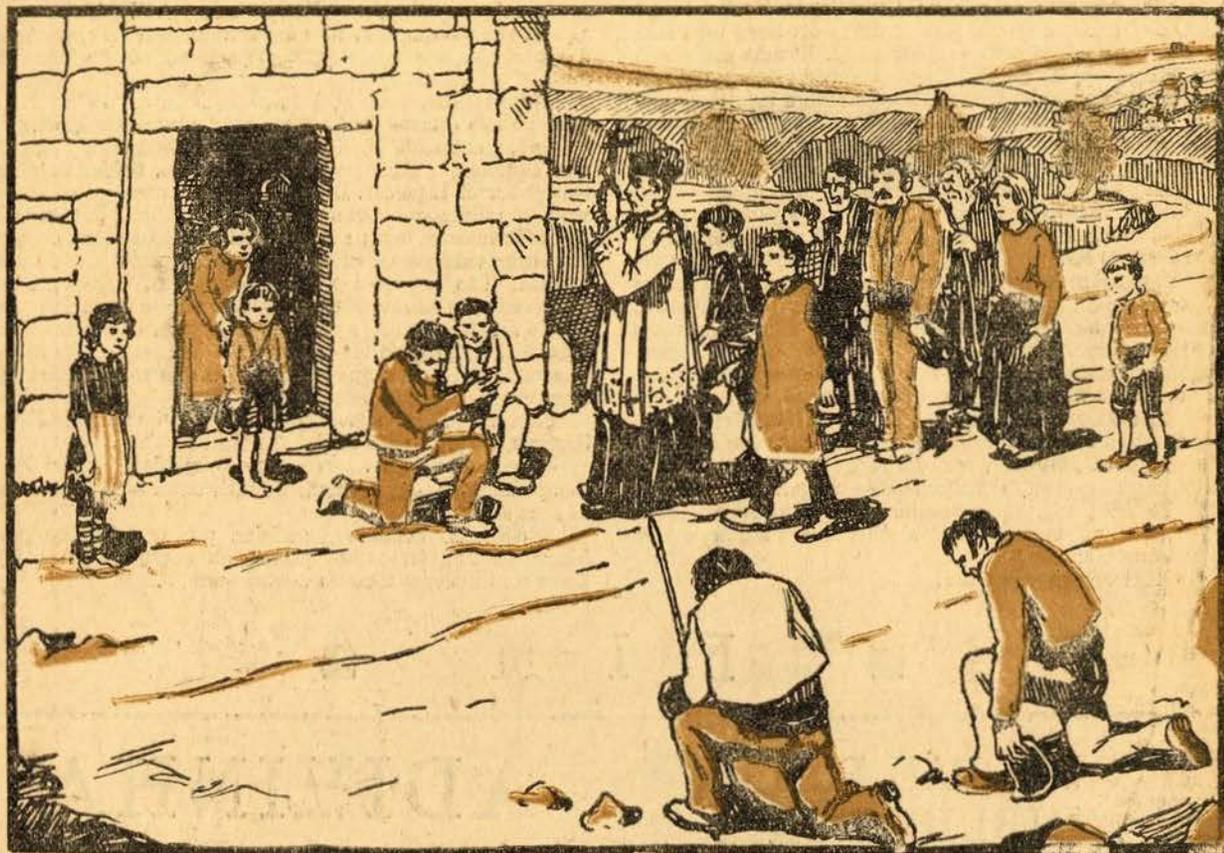
Páscoa e, portanto, tudo se arranja de véspera porque, depois da missa de festa, o sr. vigário vem abençoar as casas. A igreja fica num alto; ergue-se magestosa dando um ar de protecção à pequenina aldeia branca. A tarde vai caindo lentamente, envo vendo a terra no seu manto crepuscular. Os sinos tocam as Avé-Marias. Velhos e novos logo se quedam, descobrem-se respeitosos e rezam com devoção:

— O Anjo do Senhor anunciou a Maria e Ela concebeu do Espírito Santo. Avé Maria...

Ouve-se um tilintar de chocalhos; é um rebanho que passa, vindo da pastagem e tão habituado está a percorrer aquele caminho, que o pastor não precisa de o conduzir. Os camponezes, depois de um dia de trabalho incessante, regressam aos seus lares onde os esperam as ceias bem ganhadas. Uma paz e serenidade descem sôbre a aldeia. Um pouco distante do povoado, à beira da estrada, vê-se uma casita de modesta aparência. Sentada na soleira da porta está uma mulher de meia idade, cujo semblante revela uma grande tristeza. De vez em quando ergue-se, espreita a estrada como se estivesse esperando alguém e, depois de um momento de anciedade, torna a sentar-se desanimada. Passa um aldeão. E ela, numa excitação febril, levanta-se num impeto e agarrando-lhe um braço, exclama:

— Como estou contente, José! Não sabes que o meu Mi-





guel vem hoje?! Pois é certo! O filho que eu espero ha tanto tempo, o filho que eu não vejo há mais de um ano, não tarda, está a chegar. Disse-me êle esta noite em sonhos. Mas... (e a pobre mulher teve um gesto de desalento) é quasi noite e êle não há maneira de aparecer. Deus o salve de alguma desgraça.

Como um autómato, voltou para o seu pósto de observação e não despregou mais a vista do sítio por onde devia vir o filho.

José deitou-lhe um olhar compadecido e continuou o seu caminho. Na aldeia todos a respeitavam; sentiam uma verdadeira compaixão pela dôr daquela mãe. O único filho, o seu maior enlêvo, desaparecera, havia mais de um ano, sem que ninguém pudesse dizer se seria vivo ou morto. Tendo embarcado para o Brasil, cheio de rissonhas esperanças, nunca mais voltara. O navio tinha naufragado, salvando-se apenas quatro passageiros: os restantes tragara-os as ondas traiçoeiras. Embora o seu corpo não tivesse aparecido, não restava dúvida que êle jazia no fundo do mar. Com o desgosto a pobre mãe ficara transtornada da cabeça. No seu cerebro enfraquecido alojara-se a mania de que o filho não morrera e agarrava-se àquela idéa com uma tenacidade tal que se alguém lhe dizia o contrário enfurecia-se. Passava horas e horas examinando a estrada e, se divisava ao longe algum vulto, corria para êle, de braços abertos, na certeza de que era o seu Miguel. Mas, ao ver que se tinha enganado, voltava para casa num abatimento que impressionava. Era, porém, um momento. De novo a esperança se apoderava da sua alma suavizando o sofrimento.

È noite fechada agora. Uma brisa ligeira acaricia a Natureza e corre por entre os ramos das árvores, fazendo-os balouçar suavemente e sussurrar ternos queixumes. O céu é um manto negro onde scintilam milhares e milhares de estrelas. Rompendo a escuridão, uns pontos luminosos dançam uma dança fantástica; são pirilampos que andam no seu passeio nocturno. Os grilos escondidos na terra húmida fazem ouvir os seus cantos monótonos.

Joaquina continua no mesmo lugar, como abstracta, os olhos fixos num ponto imaginário, embebida numa doce visão. Um estremeccimento percorre-lhe o corpo e desperta do seu sonho ao ouvir o relógio da igreja bater dez sonoras badaladas, cujos sons vibrantes se perdem no espaço. Com

dificuldade sobe os dois degraus de pedra e, curvada pela dôr, entra em casa. No outro lado da aldeia a mocidade diverte-se. Dança-se animadamente o «estaladinho» e o «sapateado» ao som das violas. As cantigas sucedem-se com verdadeiro entusiasmo. As vozes chegam até Joaquina, avivando-lhe as saudades do seu Miguel. Não havia outro como êle para organizar os bailes e cantar ao desafio. A sua viola ali está guardada como uma reliquia, esperando que o dono a vá despertar do seu letargo. Sufocada pelos soluços, a pobre mulher cai de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora, da mãe dos desventurados, dia e noite alumada por uma lamparina de azeite. E, estendendo os braços numa ardente súplica, com as faces molhadas pelas lágrimas, reza com fervor implorando o regresso do filho estremeccido.

Domingo de Páscoa. Os sinos tigem festivamente. O dia está lindo. No céu, de um azul puríssimo onde não se vê uma núvem, o sol resplandece, aquecendo com os seus raios benéficos os passarinhos que alegremente saltitam, de ramo em ramo, e nos delíam com os seus gorgeios maviosos. Borboletas de asas brancas e matisadas, pousam num esvoaçar constante sôbre as múltiplas flores espalhadas pelos campos. A erva tenra e viçosa cresce em abundância, formando um lindo tapete verde. As crianças com as caritas muito lavadas e os bibes novos de riscado, brincam soltando gargalhadas cristalinas. A aldeia tem um ar de festa; os caminhos estão atapetados de rosmarinho, junco e rosas desfolhadas. Os olhos não se cançam de contemplar a Natureza no auge do seu esplendor e dos corações sobem hinos de gratidão para o Criador do Mundo. Lá vem o sr. vigário caminhando com passo firme, o crucifixo erguido, bem alto, para todos o verem. Segue-o o sacristão, de caldeirinha de água benta e uma campainha que toca anunciando a visita do Senhor. Um rapaz dos seus quinze anos, leva enfiado num dos braços, um cesto destinado a guardar as ofertas. Logo à entrada da porta de cada casa, o vigário exclama:

— Boas festas, boas festas! Alelúia! Alelúia!
Depois de benzer o aposento, a família ajoelha-se e

beija piedosamente os pés do Crucificado. No fim entregam-lhe o folar, e o bom vigário deixa em troca uma mão cheia de amêndoas para os pequenitos. E' uma cerimónia linda e comovente! Para os doentes aquela visita é um raio de sol que, por muito tempo, lhes ilumina a existência tão triste e os ajuda a sofrer com resignação. Casa que não fôsse benta era olhada pelo povo com desprezo; fugiam dela como se tivesse alguma doença contagiosa. Mas ali na aldeia não acontecia isso porque a fé habitava nos corações; todos eram verdadeiros crentes e tementes a Deus. O vigário chegou à modesta casita de Joaquina, a última. A pobre mulher erguia desde o romper d'alva, tinha tudo preparado para receber dignamente o Salvador. Foi com a maior devoção que se ajoelhou para beijar o crucifixo. De repente, ouviu-se lá fóra grande algazarra e exclamações de alegria. As vozes aproximavam-se. Assaltada por um bom pressentimento, Joaquina levantou-se e, levando a mão ao coração que parecia querer-lhe saltar do peito, esperou febrilmente. A porta que estava apenas encostada foi aberta violentamente, dando entrada a um rapazito esbaforido que começou a gritar:

— Senhora Joaquina, senhora Joaquina! Trago-lhe uma alegre notícia; o seu Miguel acaba de chegar.

E, de facto, seguido por muito povo aos vivas, appareceu um homem de elevada estatura, que, ao vêr a mãe, correu para ela exclamando:

— Mãe! Minha mãezinha!

A pobre mulher, que ficara como petrificada, ao ouvir aquella voz tão querida, teve um estremecimento e, voltando à realidade, deu um grande grito, arrancado do fundo da alma:

— Meu filho, meu querido filho! Bem me dizia o coração que não estavas morto. Uma mãe nunca se engana.

Então, chorando de alegria, caíu nos braços do filho. Os que assistiam a esta scena, tão comovente, tinham os olhos marejados de lágrimas. Durante alguns momentos só se ouviam o retinir dos beijos e o som plangente dos soluços. Silenciosamente todos se foram retirando, deixando a mãe e o filho entregues à sua felicidade. Joaquina parecia uma criança. Tão depressa ria como chorava, parecendo-lhe ainda tudo um sonho. Mas, desta vez, não se enganava; era bem o seu Miguel que apertava nos braços. Como êle estava mudado! Magro, pálido e nos olhos uma expressão de sofrimento. Ah! com que carinhos ela o ia rodear, para lhe fazer esquecer o que tinha sofrido.

Pegando-lhe na mão levou-o junto da imagem de Nossa Senhora e, ajoelhando com êle, disse:

— Reza, meu filho, agradece reconhecido à Virgem Mãe. Compadeceu-se das lágrimas de uma outra mãe, atendendo as suas súplicas.

E daqueles corações humildes, mas repletos de fé, subiram ao Céu fervorosas preces em acção de graças. Os sinos continuavam tocando alegremente...

■ F I M ■

PIM-PAM-PUM
BIBLIOTECA

■
Já se encontra à venda

o
VII
VOLUME

desta interessantíssima biblioteca, intitulado

OS MEUS CONTOS

POR

MARIA LEONOR LIMA BRANDES

■
(a mais nova escritora portuguesa)

que conta apenas 12 anos

de idade

PEDIDOS à nossa ADMINISTRAÇÃO

ADIVINHA



Meus meninos;

Vejam se descobrem com quantas pessoas anda êste menino jogando à cabra cega.

Carèquinha e Carapeto

P O R
G R A C I E T T E B R A N C O



O Zé Claudino Careca,
mais a Cláudia Carapeto,
foram comprar à lojeca
do Carlos Cunha Calháu,
dois tostões de colorau
e dois tostões de cloreto.

Não te demores, menino,
— pediu a mãe, à saída—
vai depressa, Zé Cláudio,
vai, Cláudia, meu amor,
que o guisado não tem cor
e a roupa está encardida.

Salta aqui, salta acolá,
Carèquinha e Carapeto,
... tic-tic, tic-tá...
ao Carlos Cunha Calháu,
pedem o tal coloráu
mais o tal dito cloreto.



Salta aqui, salta acolá,
vão p'ra casa, com recato,
e ao ver que ninguém lá está,
vão fazer uma surpresa
à mãe, em conversa prèsa
com a prima Pita Pato.

Mas—ó Destino cruel!—
Carèquinha e Carapeto,
vão logo pôr a granel
... tic-tic... tic-tau...
no roupinha o colorau,
e no guisado o cloreto!...

Chega a mãe qual diabrete,
e grita em voz de falsete,
com àpartes de tenor:
—Ai! Que desgraçada sou!!...
O guisado desmaiou
e a roupa tomou de cor!!



E bumba, bumba que
zumba,
pumba, pumba, cata-
pumba
traz,
catrapaz,

catapau!
Saíu caro o colorau
mais o tal dito cloreto,
à menina e ao maráu,
Carèquinha e Carapeto.